



A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DOCENTE A PARTIR DE IMAGENS E AS IMAGENS COMO ENUNCIADOS

Francieli Regina Garlet (UFSM)

Resumo: A escrita a que se refere o presente texto, diz respeito à proposta desenvolvida com professoras da educação básica de Santa Maria – RS. A materialidade da pesquisa foi a construção de narrativas a partir de imagens de seu acervo pessoal. Estas imagens são entendidas aqui como enunciados que atravessam a construção da subjetividade destes docentes. Sendo assim, os questionamentos que movimentam a pesquisa buscam entender o que dizem da subjetividade docente destes professores as imagens escolhidas e guardadas por eles. A abordagem metodológica, para dar conta dos questionamentos levantados pela pesquisa, inclui a Investigação Baseada nas Artes a partir de Hernández (2010) e Oliveira (2011) e a pesquisa narrativa através de Martins e Tourinho (2009). A partir dos referenciais utilizados busco tecer reflexões acerca da cultura visual, da construção da subjetividade docente, e da experiência de si.

Palavras-chave: Cultura Visual. Subjetividade docente. Enunciado.

O foco de interesse desta pesquisa partiu de minhas aproximações ao conceito de *enunciado*¹, e das relações que estabeleci entre esse e a cultura visual. Relações que dizem respeito às condições de emergência de determinadas formas de ver, analisar e dar visibilidade a uma imagem, os regimes de verdade de cada época.

Entendendo a subjetividade docente como um terreno movediço, cambiante, que ora adere a regimes de verdade, ora escapa por suas frestas, nesta investigação, propus a um grupo de cinco professoras de arte de escolas públicas de Santa Maria - RS, a construção de narrativas a partir de imagens do seu acervo pessoal, de forma que fosse possível conhecer o modo com que tais visualidades tocam as suas subjetividades e que enunciados elas fazem emergir na forma como configuram e reconfiguram as suas maneiras de ser professor.

As questões iniciais que movimentam a pesquisa buscam pensar: O que dizem destas docentes as imagens que elas escolhem e as imagens que por algum motivo elas guardam? De que forma elas relacionam estas imagens a suas maneiras de serem professoras? Que imagens

¹ Entendo o enunciado, a partir de Foucault, como um dos fios que constituem a trama de um discurso determinado dentro dos regimes de verdade de uma determinada época.

e/ou discursos permeiam o que estas professoras consideram ser um bom profissional da educação? Que implicações estas concepções tem em suas práticas docentes?

Para tanto, a abordagem metodológica transita pela Investigação Baseada nas Artes – IBA, na qual uso como referência Hernández (2008) e Oliveira (2011), e a pesquisa narrativa entendida a partir de Martins e Tourinho (2009). Os instrumentos de pesquisa acolhem o diário de campo, onde constam anotações, registros e os relatos de cada encontro. Também compõem material de pesquisa as imagens selecionadas pelas professoras a fim de narrar suas práticas e trajetórias docentes.

Busco a partir da IBA, experimentar outro olhar frente à pesquisa, um olhar que, como diz Oliveira (2011, p.4), “reconhecemos no ‘artístico’ e que nos permite vislumbrar aquilo que mediante outras metodologias permaneceria inexplorado”. Penso a IBA como uma estratégia na qual esse olhar permeia o momento da investigação, o momento da escrita após os encontros (diário de campo) e a apresentação do processo e dos resultados.

A pesquisa narrativa, segundo Martins e Tourinho (2009),

se debruça sobre questões epistemológicas que possam ajudar a compreender e explicar como práticas culturais, sociais e visuais marcam a trajetória e a subjetividade dos indivíduos, seus modos de perceber, interpretar e narrar. Preocupa-se, ainda, com a compreensão de como essas práticas configuram ideias, conceitos e representações. (2009, p.1-2)

Sendo assim, ao narrar a partir das imagens do acervo pessoal, elementos de suas trajetórias, as professoras possibilitam um reencontro com elementos que afetam, atravessam e marcam suas subjetividades, reverberando em suas maneiras de serem professoras.

Entendo, a partir de Hernández (2005), que a maneira como significamos ser docente não está ligada a uma realidade essencial, mas sim a uma construção social, discursiva, produto de uma determinada época e contexto, portanto mutável. Ao mapear estas mudanças, refletir e dar sentido às experiências vividas percebemos uma trajetória recheada de espaços e verdades provisórias que podem ser questionadas e reconstruídas.

Esboçando alguns conceitos e produzindo algumas reflexões

Fatores como a tecnologia, novas necessidades humanas e novos arranjos sociais cobrem nossa paisagem cotidiana com imagens portadoras de enunciados, através dos quais determinamos nosso posicionamento no espaço-tempo em que vivemos. Neste cenário rizomático, em que uma imagem possibilita conexões com uma infinidade de produções e pensamentos, nos incita outra maneira de pensar a arte em relação à educação. Incita um

redimensionamento que permita pensar as experiências culturais do olhar e seus efeitos sobre nós: a cultura visual.

A cultura visual é entendida aqui, a partir de Hernández (2011, p. 34), “como espaço de relação que traça pontes no ‘vazio’ que se projeta entre o que vemos e como somos vistos por aquilo que vemos”, um espaço que permite a experiência com a imagem, incorporando problematizações que escapam ao âmbito tradicional da arte na educação.

Tecendo relações entre a cultura visual e o conceito de *enunciado*, busco entender o papel das imagens, visualidades do acervo pessoal das professoras colaboradoras da pesquisa, na construção de suas subjetividades docentes.

O conceito de enunciado para Foucault está ligado a uma “função epistemológica (‘o que pode ser dito?’) e política (‘quem está autorizado a dizer?’)” (SILVA, 2000, p. 50). Segundo Fischer, também apoiada em Foucault, todo enunciado possui uma “materialidade específica”, ou seja, trata-se de “coisas efetivamente ditas, escritas, gravadas em algum tipo de material, passíveis de repetição ou reprodução, ativadas através de técnicas, práticas e relações sociais” (FISCHER, 2001, p. 202). Partindo deste pressuposto, penso as visualidades como um dos meios pelos quais os enunciados ganham materialidade.

Para Nascimento (2011),

As imagens são modalidades de pensamentos que se materializam como prática social. Os processos de produção, divulgação e recepção de imagens, tal como ocorre com o discurso, também têm uma regularidade, processam-se numa certa disposição, com determinadas regras de formação, no contexto das relações de poder específicas e historicamente constituídas. (2011, p. 216)

Desta forma a emergência de certas imagens em determinados espaços-tempo são tecidas por relações de poder e de saber, no interior do murmúrio coletivo e anônimo que vai aos poucos validando as formas de produzir, disseminar e interpretar estas imagens no campo social. Assim, imagens portam a possibilidade de funcionar tanto como estratégia de dominação quanto como resistência e ruptura. Podem legitimar noções existentes ou provocar rachaduras, pelas quais podemos escapar e produzir outros sentidos.

As práticas sociais, incluindo as visualidades, ao passo que fabricam o sujeito que vê, também fabricam o objeto que ele vê, as coisas visíveis. Ao familiarizarmos um discurso tornando-o legítimo, nos vemos, nos construímos e nos relacionamos com o mundo a partir dele.

Sendo a variável do enunciado, o sujeito se constrói a partir dessas posições discursivas, na mesma operação em que ocupa um lugar discursivo (LARROSA, 1994). Desta forma, a subjetividade se manifesta através da enunciação, o ato que dá vazão ao enunciado.

Neste sentido, a noção de experiência de si em Larrosa (1994, p. 83) diz respeito a uma experiência que “não depende nem do objeto nem do sujeito”, mas da relação entre eles que fabrica ambos. O objeto é entendido como o ‘duplo’, o que a pessoa vê de si mesma, a partir de um olhar racionalizado e estabilizado, “que a pessoa pode ver de forma tranquila posto que se conjurou sua indeterminação e sua capacidade de surpresa.” (Ibidem, p. 81).

Entender que tomamos por verdade temas construídos, fabricados em um momento particular da história, nos dá a possibilidade de desconstruí-lo (FOUCAULT, 1994). Ao desconstruir uma verdade, damos espaço para outras formas de pensar e de agir, para que outras verdades sejam construídas e, por sua vez, contestadas.

A postura da cultura visual frente ao passado se dá de forma similar, não o entende como uma forma de demonstrar erudição ou saudosismo, mas sim como um modo de cartografar as maneiras pelas quais nossos olhares foram se construindo e configurando nosso pensamento no presente de um jeito e não de outro. Como profere Nascimento (2011):

O passado ajuda a compreender como a nossa subjetividade foi modelada e consolidada ao longo do tempo. Trata-se de recorrer ao passado para oportunizar um exercício de suspeita a respeito de como passamos a ser de um jeito e não de outro. Não se olha para trás com saudosismo, mas para desconfiar do que acreditamos no presente (2011, p. 218)

Ou ainda, como diz Raimundo Martins (2011)² para “suspeitar de mim mesmo” e pensar “até que ponto o meu estilo não se tornou um estereótipo”. Rever e pensar até que ponto não naturalizei minhas peculiaridades, o meu modo de agir e os discursos que o fabricam, até que ponto não percebo suas fendas que trazem a possibilidade de desterritorialização e de olhar de outro lugar.

Conclusões sobre as (in) conclusões de uma pesquisa

Este projeto de pesquisa, que se encontra em fase inicial, ainda está tomando corpo e não visualiza este caminho como o único possível. Em se tratando de pesquisa, sei o quanto mudamos os trajetos, trocamos de veículos, de quantas suspeitas criamos de onde o caminho

² Palestra proferida por Raimundo Martins “Imagens - que papel ocupam em nossas pesquisas? Como e quando elas estão?” realizada no evento “Pesquisa em educação e arte: abordagens metodológicas e epistemológicas.” Promovido pelo Grupo de Pesquisas em Arte, Educação e Cultura – GEPAEC. Santa Maria, 06 e 07 de outubro de 2011.

vai dar, e dos vários encontros que surgem no percurso, fazendo muitas vezes com que tudo mude de direção. As surpresas que a pesquisa abriga fazem do pesquisador um nômade, que habita e experiencia abrigos provisórios, produz algo neste abrigo, e continua o percurso a procura de encontros com outros encantamentos que justifiquem habitar outros lugares.

Esquema do pôster

A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DOCENTE A PARTIR DE IMAGENS E AS IMAGENS COMO ENUNCIADOS

Nome (instituição)

Breve introdução

Objetivo

Questões de pesquisa

Metodologia

Imagens

Referencial teórico

Considerações finais

Referências

Referências

FOUCAULT, Michel. **Verdade Poder e Si**. Verité, pouvoir et soi. (entretien avec R. Martain, Université du Vermont, 25 de octobre 1982). Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. Dits et écrits. Paris: Gallimard, 1994, vol. IV, p. 777-783, por Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <<http://filoesco.unb.br/foucault/verdade.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cadernos de pesquisa n.114, novembro 2001. p. 197-223. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2011.

HERNÁNDEZ, Fernando. A construção da subjetividade docente como base para uma proposta de formação inicial de professores de Artes Visuais. *In*: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (orgs.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2005. p. 21-42.
_____. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011. p. 31-49.
_____. **La Investigación Basada en Las Artes**: propuestas para repensar la investigación en educación. Barcelona, 2008.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do eu e educação**. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu. O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Pesquisa narrativa: concepções, práticas e indagações. *In*: **Anais do II Congresso de Educação, Arte e Cultura - CEAC**. Santa Maria: 2009. p. 1-12.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves. Singularidades da educação da cultura visual nos deslocamentos das imagens e das interpretações. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011. p. 209-226.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **Material Didático produzido para a disciplina de Prática de Pesquisa A**: Abordagens metodológicas em educação e artes. Santa Maria: Programa de Pós Graduação em Educação (mestrado e doutorado), 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Teoria cultural e educação um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autentica, 2000.